

EMPREGO em pauta



Número de jovens sem-sem diminui

- A taxa de desocupação entre os jovens caiu para o menor nível da Pnad Contínua, do IBGE, e ficou em 10,0%.
- Entre os jovens de 14 a 29 anos, 17,9% estavam sem trabalho e sem estudar. O número tem caído e, no 2º trimestre de 2026, chegou ao menor contingente dos últimos 10 anos: 8,8 milhões.
- 60% desses jovens sem-sem estavam envolvidos em outras atividades.
- Apenas 2% disseram que não queriam trabalhar.
- O rendimento médio dos jovens foi de R\$ 2.459, valor 32% menor do que o dos ocupados com 30 anos ou mais; 41% dos jovens ocupados ganhavam um salário mínimo ou menos.
- Quase metade (48%) dos jovens ocupados era celetista.

No 2º trimestre de 2026, cerca 8,8 milhões de jovens entre 14 e 29 anos, 17,9% de uma população de 49,1 milhões de pessoas, estavam sem trabalho e fora da escola. Chamados por muitos de geração nem-nem, porque nem trabalham nem estudam, eles experimentam uma realidade diferente da vivida pela juventude dos países desenvolvidos e, por essa razão, não deveriam receber essa denominação. Não se trata apenas de diferenças metodológicas na forma como se mensuram os dados no Brasil em relação a outros países¹, mas o termo nem-nem dá a entender que há passividade dos jovens diante do mercado de trabalho. No caso brasileiro, o termo adequado seria sem-sem, pois os dados indicam que:

- É uma fase passageira. Ficar sem trabalho e fora da escola é, em geral, uma situação transitória ou eventual e acontece porque os jovens estão mais propensos a aceitar postos de trabalho precários, sem estabilidade e com alta rotatividade de mão de obra².

¹ Em geral, as estatísticas relacionadas aos chamados nem-nem no Brasil consideram como fora da escola qualquer jovem que não esteja no ensino “regular” (fundamental, médio ou superior), sem levar em conta como estudante quem está matriculado em cursos livres, como, por exemplo cursos pré-vestibulares ou de treinamento.

²Ver <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2024/boletimEmpregoemPauta27.html>.

- Há relação com a situação socioeconômica do jovem. Jovens de lares mais pobres chegam ao fim do ensino médio com um leque mais estreito de oportunidades e enfrentam dificuldades na transição da escola para o trabalho. Os jovens em domicílios com melhores condições socioeconômicas têm mais chances de continuar estudando após o ensino médio³.
- Os jovens não estão, de fato, parados. A maior parte dos chamados nem-nem está procurando trabalho, cuidando de afazeres domésticos ou realizando cursos não regulares.
- Parcela muito pequena dos jovens afirmava não querer trabalhar.

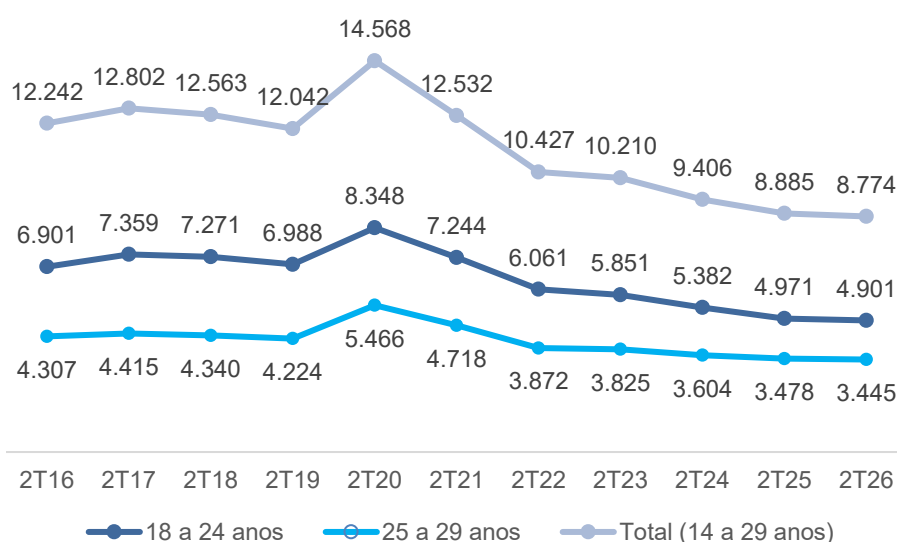
Este boletim traça o panorama atual das condições enfrentadas pelos jovens ao entrar no mercado de trabalho no Brasil, a partir dos dados da PnadC-IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Jovens cada vez mais ativos no mercado de trabalho

O número de jovens sem trabalho e sem escola está em queda desde 2020, quando mais de 14,5 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos estavam nessa situação, o pico da série. No 2º trimestre de 2026, 8,8 milhões de jovens estavam sem trabalhar ou estudar, o equivalente a 17,9% dessa população.

Gráfico 1. Sem-sem em queda

Número de jovens entre 14 e 29 anos fora da escola e sem trabalho caiu desde a pandemia



Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

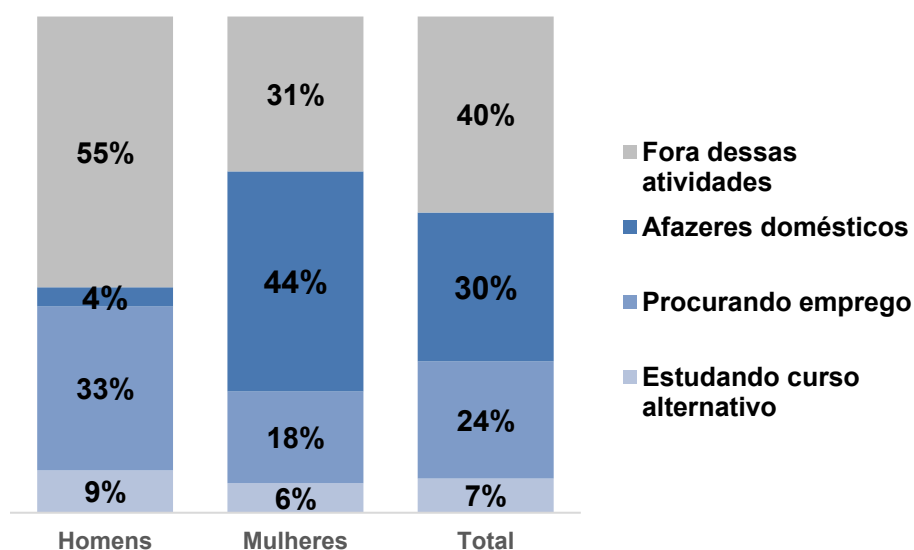
³Ver <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2022/boletimEmpregoemPauta24.html>.

Desses 17,9%, pelo menos 60% (5,3 milhões) estavam procurando emprego, estudando ou realizando afazeres domésticos. Entre as mulheres, 44% daquelas que não trabalhavam ou estudavam relataram estar nessa situação porque tinham que cuidar dos afazeres domésticos (casa, filhos ou parentes). Entre os homens, 33% estavam em busca de emprego. Outros 7% realizavam algum curso fora da educação regular.

Apenas 2% disseram que não estavam trabalhando porque não queriam.

Gráfico 2. Sem trabalho e sem estudar, mas ativos

60% dos jovens sem-sem estavam envolvidos na procura de emprego, em afazeres domésticos ou em algum curso.



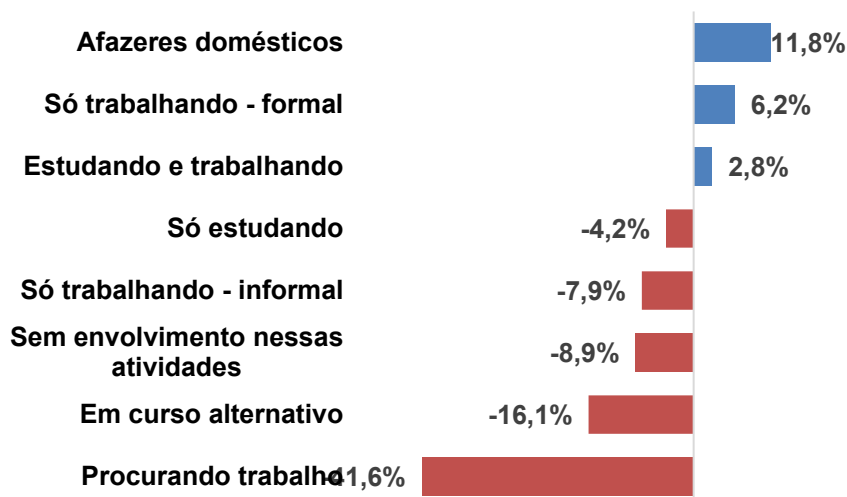
Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

O que explica a queda no número de jovens sem trabalho e sem estudar é principalmente a melhora no nível de atividade econômica, que manteve o mercado de trabalho mais aquecido - especialmente o formal. Entre o 2º trimestre de 2022 e o 2º trimestre de 2026, o número de jovens que não estudavam, mas tinham trabalho formal, cresceu 6,2%, enquanto a quantidade dos que conciliavam trabalho e estudo aumentou 2,8%. Já o número de jovens desocupados, isto é, em busca de trabalho, caiu -42%.

Por outro lado, o crescimento do número de jovens que não trabalhavam ou estudavam, mas que estavam envolvidos em afazeres domésticos, indica o aumento do peso dos cuidados entre os mais jovens.

Gráfico 3. Mais jovens conciliando trabalho e estudos e em empregos formais

Entre o 2º trimestre de 2022 e o 2º trimestre de 2026 o número de jovens sem-sem caiu por causa do aumento de jovens trabalhando

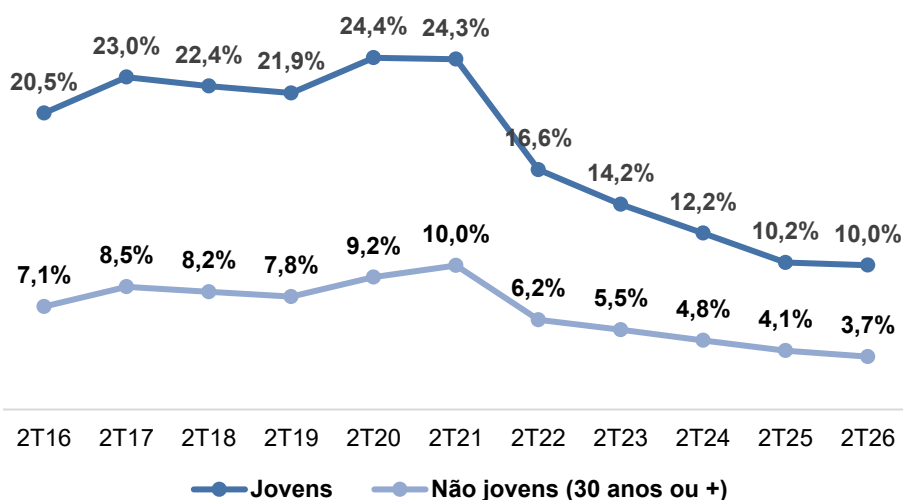


Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026 em comparação com o 2º trimestre de 2022
Elaboração: DIEESE

Outro elemento que revela a importância do mercado de trabalho aquecido para o nível de atividade dos jovens é a queda na taxa de desocupação da juventude, que acompanhou a dos trabalhadores mais velhos. Entre o 2º trimestre de 2022 e o 2º trimestre de 2025, a taxa teve redução de 16,6% para 10,0%, a menor da série histórica.

Gráfico 4 - Desemprego em queda

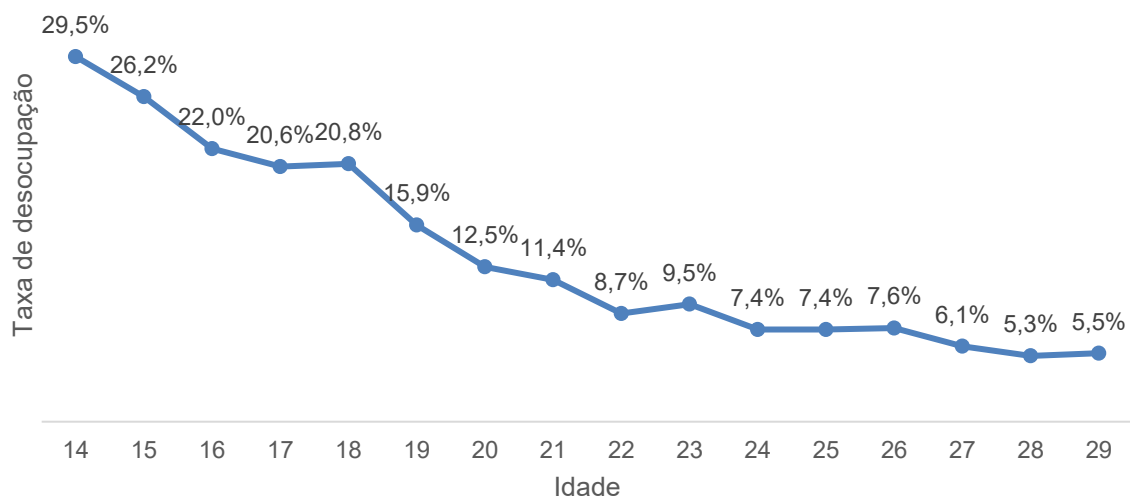
Taxa de desocupação entre os jovens de 14 a 29 anos é a menor da série



Fonte: IBGE. Pnad Contínua. Elaboração: DIEESE

Em todo caso, as taxas desocupação ainda são mais elevadas nas fases iniciais de carreira. Entre os jovens de 18 anos, ficava em 20,8%, reflexo das dificuldades de inserção no mercado de trabalho logo após a conclusão do ensino médio. A taxa diminui progressivamente com o avanço da idade e estava em 5,5% para as pessoas com 29 anos.

Gráfico 5 - Desocupação é maior no início da carreira
Taxa de desocupação apresenta queda de 29,5% entre os trabalhadores de 14 anos e de 5,5% entre os de 29 anos

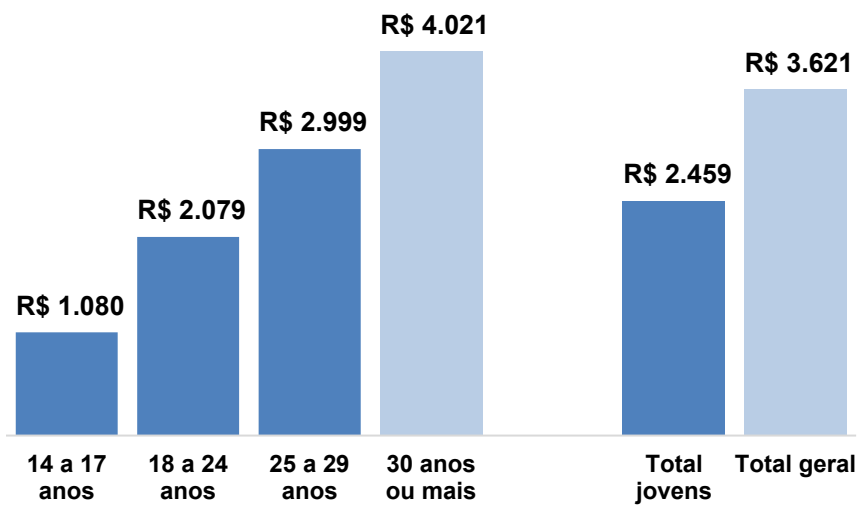


Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

Condições de trabalho dos jovens ocupados

No 2º trimestre de 2026, havia 26,6 milhões de jovens entre 14 e 29 anos trabalhando. O rendimento médio deles era de R\$ 2.459, valor 32% inferior ao dos trabalhadores de 30 anos ou mais (R\$ 3.621). Entre os jovens com menos de 18 anos ocupados, o rendimento médio era inferior ao salário mínimo.

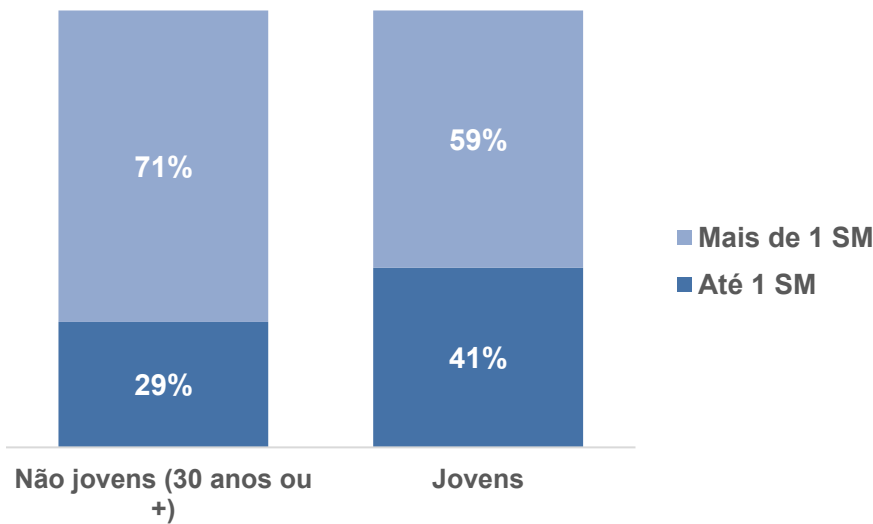
Gráfico 6 - Rendimento médio do trabalho
Jovens ganhavam 32% menos do que trabalhadores de 30 anos ou mais



Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

Além disso, 41% dos jovens ganhavam no máximo até um salário mínimo, que era de R\$ 1.621.

Gráfico 7 - Baixos salários entre os jovens
41% dos jovens ocupados ganhavam no máximo um salário mínimo



Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

Mulheres e pessoas negras têm maior chance de estar na situação de sem-sem. Enquanto o número de homens não negros sem trabalho ou escola era de 10,5%, entre as mulheres negras, o percentual chegava a 27,2% (Tabela 1).

A categoria sem-sem abriga diferentes trajetórias. Para boa parte das mulheres mais jovens, especialmente entre as negras, não estar trabalhando e nem estudando significa cuidar de afazeres domésticos. Já entre os homens jovens, a maioria dos sem-sem estava em busca por trabalho. Ou seja, essa é uma situação transitória, o que explica o motivo de o número de jovens nessa situação cair nos momentos em que o desemprego diminui.

Tabela 1 - Mulheres negras são mais afetadas
27,2% das jovens negras estavam na situação de sem-sem

Situação	Mulheres negras	Mulheres não negras	Homens negros	Homens não negros	Total
Só estudando	29%	31%	25%	28%	28%
Estudando e trabalhando	12%	17%	10%	15%	13%
Só trabalhando - formal	19%	24%	28%	30%	25%
Só trabalhando - informal	13%	10%	23%	17%	16%
Em curso alternativo (A)	1,2%	1,6%	0,9%	1,4%	1,2%
Procurando trabalho (B)	4,8%	3,6%	4,7%	3,2%	4,2%
Afazeres domésticos (C)	12,7%	6,9%	0,6%	0,4%	5,4%
Sem envolvimento nessas atividades (D)	8,4%	5,8%	7,6%	5,6%	7,1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%
Sem-sem (A + B + C + D)	27,2%	17,9%	13,8%	10,5%	17,9%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

Os jovens estão mais concentrados como empregados do setor privado, com 69% deles nessa posição, contra 45% entre os mais velhos. Quase metade (48%) dos jovens ocupados tinha carteira de trabalho assinada. O serviço público e o trabalho por conta própria são mais comuns entre os trabalhadores mais velhos (Tabela 2).

Tabela 2 - Jovens estão mais concentrados entre os empregados
Quase metade (48%) dos jovens ocupados era celetista

Posição na ocupação	Não jovens (30 anos ou +)	Jovens
Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada	35%	47%
Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada	10%	22%
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	2%	0%
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	5%	2%
Empregado no setor público com carteira de trabalho assinada	2%	1%
Empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada	3%	4%
Militar e servidor estatutário	10%	2%
Empregador	5%	1%
Conta própria	28%	17%
Trabalhador familiar auxiliar	1%	2%
Total	100%	100%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Elaboração: DIEESE

As ocupações mais comuns entre os jovens eram vendedores de loja, escriturários gerais e trabalhadores da construção. Entre as 20 ocupações mais comuns, nenhuma era de trabalhador de nível técnico ou superior (Tabela 3).

Tabela 3. As 20 ocupações mais comuns entre os jovens

A maioria das profissões mais comuns não exige qualificação formal

Pos.	Ocupação	Homens	Mulheres	Total
1	Balconistas e vendedores de lojas	695	1.088	1.783
2	Escriturários gerais	644	1.062	1.706
3	Trabalhadores elementares da construção de edifícios	656	(a)	666
4	Receptionistas em geral	123	454	577
5	Caixas e expedidores de bilhetes	125	451	576
6	Condutores de motocicletas	518	(a)	532
7	Trabalhadores de controle de abastecimento e estoques	404	111	515
8	Especialistas em tratamento de beleza e afins	24	477	501
9	Repositores de prateleiras	386	92	478
10	Mecânicos e reparadores de veículos a motor	452	(a)	463
11	Trabalhadores elementares da agricultura	359	77	437
12	Trabalhadores de limpeza de interior de edifícios, escritórios, hotéis e outros estabelecimentos	166	254	420
13	Cuidadores de crianças	25	367	391
14	Cabeleireiros	247	140	387
15	Agricultores e trabalhadores qualificados em atividades da agricultura (exclusive hortas, viveiros e jardins)	318	67	385
16	Condutores de automóveis, taxis e caminhonetes	335	37	371
17	Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	37	311	347
18	Carregadores	334	(a)	347
19	Comerciantes de lojas	175	168	342
20	Trabalhadores elementares da indústria de transformação não classificados anteriormente	216	103	320

Fonte: IBGE. Pnad Contínua 2º trimestre de 2026. Em 1.000 pessoas. Elaboração: DIEESE



Escritório Nacional: Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 01209-001 – São Paulo, SP
Telefones: (11) 3874-5366
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: José Gonzaga da Cruz
Sindicato dos Comerciários de São Paulo – SP
Vice Presidente: Maria Aparecida Faria
Sindicato dos Trabalhadores Públicos de Saúde do Estado de São Paulo – SP
Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região – SP
Diretor Executivo: Claudionor Vieira do Nascimento
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – SP
Diretor Executivo: Edenilson Rossato
Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos – SP
Diretor Executivo: Elna Maria de Barros Melo
Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco – PE
Diretor Executivo: Gabriel Cesar Anselmo Soares
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP
Diretor Executivo: José Carlos Santos Oliveira
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel – SP
Diretora Executiva: Maria Helena de Oliveira
Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul – RS
Diretora Executiva: Marta Soares dos Santos
Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP
Secretário Nacional: Paulo Roberto Dos Santos Pissinini Junior
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba – PR
Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa
Sindicato dos Eletricitários da Bahia – BA
Diretora Executiva: Zenaide Honório
Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Direção Técnica

Adriana Marcolino – Diretora Técnica
Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta
Victor Gnecco Pagani – Diretor Adjunto
Eliaana Elias – Diretora da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

Equipe técnica

Gustavo Monteiro
Ricardo Tamashiro